

CAPÍTULO 1

A Manipuladora

Às vezes tenho pensamentos muito sombrios sobre a minha mãe. Pensamentos que nenhuma filha sã devia ter.

A verdade é que nem sempre sou sã.

— Addie, estás a ser ridícula — diz a mãe através do alta-voz do meu telemóvel. Faça-lhe uma careta, recusando-me a discutir. Como não digo nada, ela suspira alto. Franço o nariz porque não percebo como é que esta mulher sempre chamou dramática à avó, mas não consigo ver o seu próprio talento para o teatro.

— Só porque os teus avós te deram a casa, não quer dizer que *tens de viver nela*. É velha e farias um favor a todos na cidade se fosse demolida.

Bato com a cabeça no encosto, reviro os olhos e tento encontrar a paciência algures no teto manchado do meu carro.

Como consegui pôr *ketchup* lá em cima?

— E só porque *tu* não gostas, não quer dizer que eu não possa viver nela — respondo secamente.

A minha mãe é má. Esta é a verdade pura e simples. Sempre teve uma atitude conflituosa, mas nunca consegui entender a razão.

— Ficas a viver a uma hora de distância de nós! Isso vai ser muito inconveniente para nos visitares, não vai?

Oh, como vou sobreviver?

Tenho quase a certeza de que a minha ginecologista também estará a uma hora de distância, mas ainda assim faço um esforço para ir ao seu consultório uma vez por ano. E essas visitas são mais dolorosas.

— Não — respondi. Estou a ficar farta desta conversa. A minha paciência para falar com a minha mãe tem a duração máxima de sessenta

segundos. Depois disso, o combustível termina e o esforço para manter a conversa passa a ser nulo.

Se não é uma coisa, é outra. Tem sempre queixas. Desta vez é porque quero viver na casa que os meus avós me deram. Eu cresci na Mansão Parsons, a correr pelos corredores ao lado dos fantasmas e a fazer biscoitos com a avó. Tenho boas recordações daqui — as quais me recuso a esquecer só porque as duas não se davam bem.

Nunca compreendi a tensão entre elas, mas à medida que fui crescendo passou a fazer sentido, quando comecei a compreender os insultos maliciosos e dissimulados da minha mãe.

A avó tinha uma perspetiva positiva e radiante da vida. Via sempre o copo meio cheio. Andava sempre a sorrir e a cantarolar, enquanto a minha mãe foi amaldiçoada com uma perpétua carranca e vê a vida como se o copo se tivesse partido quando ela saiu da vagina da avó. Não sei porque anda sempre maldisposta. Não foi educada para ser irritada.

Enquanto crescia, a minha mãe e o meu pai tinham uma casa a apenas um quilómetro da Mansão Parsons. Ela mal me tolerava, por isso passei a maior parte da infância nesta casa. Só quando fui para a faculdade é que a minha mãe se mudou para fora da cidade, a uma hora de distância. Após deixar a faculdade, fui viver com ela até me recompor e a minha carreira de escritora arrancar.

E quando isso aconteceu, decidi viajar pelo país, nunca assentando em lado nenhum.

A avó morreu há um ano, deixando-me a casa em testamento, mas a minha dor impediu-me de me mudar para a Mansão Parsons. Até agora.

Ouçó a mãe suspirar novamente ao telefone.

— Só queria que tivesses mais ambição na vida em vez de ficares na cidade onde crescestes, querida. Faz qualquer coisa com a tua vida além de a desperdiçares nessa casa como fez a tua avó. Não quero que te tornes inútil como ela.

Assumo um ar de desprezo com a fúria a percorrer-me o peito.

— Ei, mãe?

— Sim.

— Vai à merda.

Pressiono furiosamente o dedo no ecrã até ouvir o som de chamada desligada.

Como se atreve a falar da própria mãe daquela maneira quando sempre foi amada e estimada? A avó nunca a tratou como ela me trata, isso é certo.

Tento esquecer e solto um suspiro melodramático, virando-me para olhar pela janela lateral. A casa ergue-se alta, com a extremidade do telhado preto por entre nuvens sombrias e a pairar sobre a vasta área arborizada, como se quisesse dizer *deves temer-me*. Por cima do meu ombro, o denso bosque é ainda menos convidativo e as suas sombras rastejam a partir da vegetação como se tivessem garras estendidas.

Estremeço, deliciando-me com a sensação sinistra que irradia desta pequena parte do penhasco. Parece como na minha infância, e sinto a mesma emoção ao olhar para a escuridão infinita.

A Mansão Parsons está situada num penhasco com vista para a baía com um quilómetro de estrada que se estende por uma zona bastante arborizada. A concentração de árvores separa esta casa do resto do mundo, dando-nos a sensação de estarmos deveras isolados.

Às vezes, parece que nos encontramos num planeta diferente, afastados da civilização. Toda a área tem uma aura ameaçadora e triste.

E eu, simplesmente, adoro-a.

A casa começou a deteriorar-se, mas pode ser recuperada de modo a ficar com uma aparência nova. Basta um pouco de amor e carinho. Centenas de trepadeiras rastejam por todos os lados da estrutura, subindo em direção às gárgulas posicionadas no telhado de cada lado da mansão. O revestimento preto parece verniz de unhas barato a lascar. Vou ter de contratar alguém para retocar o grande alpendre da frente, pois começa a ceder de um dos lados.

O relvado já devia ter sido aparado há muito tempo. A relva está quase do meu tamanho e os três acres de terreno encontram-se repletos de ervas daninhas. Aposto que muitas cobras já se instalaram aqui desde a última vez que foi cortada.

Durante a primavera, a avó costumava compensar a sombra escura da mansão com flores coloridas: jacintos, primulas, violetas e rododendros.

E, no outono, os girassóis rastejavam pela parte lateral da casa. Os amarelos e laranja das pétalas faziam um belo contraste com o revestimento preto.

Quando a estação o permitir, posso plantar um jardim na frente da casa. Plantarei também morangos, alfaces e ervas aromáticas. Estou imersa nos pensamentos quando me apercebo, pelo canto do olho, de um movimento. As cortinas agitam-se na janela solitária no topo da casa.

O sótão.

Segundo verifiquei, não existe aquecimento central lá em cima. Nada devia ser capaz de mover aquelas cortinas, mas não duvido do que vi.

A Mansão Parsons parece saída de um filme de terror, principalmente com a tempestade que se aproxima. Prendo o lábio inferior entre os dentes, incapaz de impedir que um sorriso se forme no meu rosto.

Eu adoro isso.

Não sei explicar porquê, mas adoro.

Que se lixe o que diz a minha mãe. Estou a viver aqui. Sou uma escritora de sucesso e tenho liberdade para viver onde quiser.

E se eu decidir viver num lugar que significa muito para mim? Não sou uma miserável por ficar na cidade natal. Já viajo o suficiente em digressões de livros e conferências; assentar numa casa não vai mudar isso. Sei aquilo que quero, e estou-me nas tintas para o que os outros pensam.

Especialmente a mamã querida.

As nuvens bocejam e a chuva jorra das suas bocas. Agarro na mala e saio do carro, inalando o cheiro da chuva fresca. Em segundos, passa de um chuvisco ligeiro para uma chuvada torrencial. Subo os degraus do alpendre a correr, sacudindo gotas de água dos braços e a abanar o corpo como um cão molhado.

Adoro tempestades. Só não gosto de estar nelas. Prefiro ficar debaixo dos cobertores com uma caneca de chá e um livro enquanto ouço a chuva a cair.

Enfio a chave na fechadura e rodo-a. Mas fica presa e recusa-se a ceder sequer um milímetro. Abano-a, lutando com ela até que o mecanismo finalmente gira e consigo abrir a porta.

Acho que também vou ter de arranjar isto em breve.

Uma corrente gelada recebe-me quando abro a porta. Tremo com a mistura da chuva ainda húmida na pele e o ar frio e estagnado. O interior da casa está envolto em sombras. A luz fraca brilha através das janelas, esbatendo-se à medida que o sol desaparece atrás das nuvens cinzentas da tempestade.

Sinto-me como se estivesse a começar a minha história com: «Era uma noite escura e tempestuosa...»

Olho para cima e sorrio quando vejo o teto preto com vigas, feito de centenas de pedaços finos e compridos de madeira e com um grande lustre de aço dourado e trabalhado num desenho intrincado com cristais pendurados nas extremidades. Sempre foi o objeto mais precioso da avó.

O chão preto e branco axadrezado conduz à escadaria preta de grandes dimensões — na qual cabe um piano — e leva à sala de estar. As minhas botas rangem contra os mosaicos quando me aventuro no interior.

Este piso é sobretudo um conceito aberto, parecendo que a monstruosidade da casa nos pode engolir de vez.

A sala de estar fica à esquerda da escada. Comprimo os lábios e olho em redor, a nostalgia atinge-me nas entranhas. O pó cobre todas as superfícies, e o cheiro a bolas de naftalina é avassalador, mas está como a vi pela última vez, mesmo antes de a avó morrer.

No centro da sala existe uma grande lareira de pedra preta na parede mais à esquerda, com sofás de veludo vermelho em redor. Uma mesa de café de madeira ornamentada fica no meio, com uma jarra vazia em cima da madeira escura. A avó costumava enchê-la de lírios, mas agora só acumula pó e carcaças de insetos.

As paredes estão cobertas com papel de parede preto, contrabalançado por pesadas cortinas douradas.

Uma das minhas partes preferidas é a grande janela de sacada, que oferece uma bela vista da floresta. Em frente, está uma cadeira de baioço de veludo vermelho com um banco a condizer. A avó costumava sentar-se ali a ver a chuva e dizia que a mãe dela fazia sempre o mesmo.

Os mosaicos axadrezados estendem-se até à cozinha, com belos armários pretos e bancadas de mármore. No centro há uma ilha enorme, com bancos pretos e altos num dos lados. Eu e o avô sentávamo-nos ali, vendo e ouvindo a avó a cantarolar para si mesma enquanto preparava refeições deliciosas.

Afastando as recordações, corro para um candeeiro alto junto à cadeira de baloiço e acendo-o. Solto um suspiro de alívio quando um brilho suave e aconchegante emana da lâmpada. Há alguns dias telefonara para pedir que a eletricidade fosse ligada em meu nome, mas nunca se pode ter a certeza quando se trata de uma casa antiga.

Depois dirijo-me ao termóstato, e o marcador arranca-me outro arrepio.

Uns míseros dezasseis graus.

Carrego com o polegar na seta para cima e só paro quando a temperatura atinge uns sólidos vinte e três graus. As temperaturas mais frias não me preocupam, mas prefiro que os meus mamilos não se vejam através da roupa.

Viro-me e deparo-me com uma casa que é simultaneamente nova e velha — que alberga o meu coração desde que me lembro, mesmo que o meu corpo tenha partido por uns tempos.

Então sorrio, desfrutando da glória gótica da Mansão Parsons. Foi assim que os meus bisavós decoraram a casa, e o gosto foi passando de geração em geração. A avó dizia que gostava mais quando ela era a coisa mais alegre na sala. Apesar disso, ainda tinha o gosto dos velhos.

A sério, porque têm as almofadas brancas um rebordo de renda e um estranho ramo de flores bordado no meio? Isso não é giro. É feio.

Suspiro.

— Bem, avó, eu voltei. Tal como querias — sussurro para o ar.

— Estás pronta? — pergunta-me a minha assistente. Olho de relance para Marietta, reparando que ela está a segurar-me o microfone, a sua atenção focada nas pessoas que continuam a entrar no pequeno edifício. Esta livraria local não foi concebida para acolher um grande número de pessoas, mas, de alguma forma, conseguem fazê-la funcionar nesse sentido.

Uma multidão amontoa-se no espaço apertado, convergindo numa fila uniforme à espera que a sessão de autógrafos comece. Os meus olhos percorrem a plateia, contando silenciosamente de cabeça. Desisto quando chego aos trinta.

— Sim — digo. Agarro no microfone e, depois de chamar a atenção de todos, os murmúrios desvanecem-se em silêncio. Dezenas de olhares fixam-se em mim, fazendo-me corar. Arrepiam-me a pele, mas adoro os meus leitores, por isso aguento.

— Antes de começar, queria agradecer a todos por terem vindo. Estou muito entusiasmada por vos conhecer. Estão prontos? — pergunto, forçando o entusiasmo na voz.

Estou entusiasmada, mas tenho tendência para ficar incrivelmente estranha durante as sessões de autógrafos. Não ajo com naturalidade quando se trata de interações sociais. Olho fixamente para um rosto com um sorriso inalterado depois de me fazerem uma pergunta enquanto o meu cérebro processa o facto de eu nem sequer o ter ouvido. Normalmente isso acontece quando o meu coração galopa demasiado alto nos meus ouvidos.

Acomodo-me na cadeira e preparo a caneta. Marietta sai a correr para tratar de outros assuntos, fazendo-me um rápido sinal a desejar-me boa sorte. Ela já testemunhou os meus percalços com os leitores e tende a ficar envergonhada por mim. Acho que é uma das desvantagens de representar uma excluída social.

Volta, Marietta. É muito mais divertido quando não sou a única a ficar envergonhada.

A primeira leitora aproxima-se, com o meu livro *A Errante* nas mãos e um sorriso radiante no rosto sardento.

— Meu Deus, como é bom conhecê-la! — exclama, quase a enfiar-me o livro na cara. Um movimento como *eu* teria feito. Sorrio e agarro no livro com cuidado.

— Também é fantástico conhecê-la — retribuo. — E vejam só, equipa sardas — acrescento, acenando com o indicador para a cara dela e a minha. Ela ri-se, sem jeito, passando os dedos pelas faces. — Qual é o seu nome? — apresso-me a perguntar antes que nos embrenhemos numa conversa estranha sobre doenças de pele.

Caramba, Addie, e se ela odiar as sardas? Que idiota.

— Megan — responde, e depois soletra-me o nome. A minha mão treme enquanto escrevo cuidadosamente o nome dela e uma breve nota de agradecimento. A minha assinatura é desleixada, mas isso quase representa a totalidade da minha existência.

Entrego-lhe o livro e agradeço-lhe com um sorriso genuíno.

Quando a próxima leitora se aproxima, a tensão instala-se no meu rosto. Alguém está a olhar para mim. Mas é um pensamento estúpido, porque está *toda a gente* a olhar para mim.

Tento ignorá-lo e dar à próxima leitora um grande sorriso, mas a sensação só se intensifica até parecer que existem abelhas a zumbir sob a minha pele e uma tocha a ser apontada à minha carne. É... é diferente de tudo o que já senti. Os pelos da nuca eriçam-se e sinto as maçãs do rosto aquecerem até ficarem muito vermelhas.

Metade da minha atenção está centrada no livro que estou a autografar e na leitora entusiasmada e a outra metade está na multidão. Os meus olhos varrem subtilmente a extensão da livraria, tentando descobrir a fonte do meu desconforto sem o tornar óbvio.

O meu olhar prende-se numa pessoa solitária que se encontra nas traseiras. Um homem. A multidão quase tapa o seu corpo, apenas parte do seu rosto espreita por entre as cabeças. Mas o que vejo imobiliza-me a meio da escrita.

São os seus olhos. Um tão escuro e sem fundo que parece que estou a olhar para um poço. E o outro de um azul gelado tão claro que é quase branco, fazendo-me lembrar os olhos de um *husky* siberiano. Uma cicatriz atravessa o olho descolorido, como se isso já não exigisse atenção.

Quando alguém pigarreia, dou um salto e desvio o olhar voltando para o livro. A minha caneta tem estado no mesmo sítio, criando um grande ponto de tinta preta.

— Desculpe — murmuro, terminando a assinatura. Pego num marcador de livros, assino-o também e coloco-o no livro como compensação.

A leitora sorri-me, o erro já esquecido, e sai a correr com o seu livro. Quando olho tentando encontrar o homem, percebo que ele já saiu.

— Addie, precisas de foder.

Em resposta, fecho os lábios sobre a palhinha e bebo o meu martíni de mirtilo, tanto quanto a minha boca permite. A Daya, a minha melhor amiga, olha para mim, nada impressionada e impaciente com base no seu sobrolho franzido.

Acho que preciso de uma boca maior na qual caiba mais álcool.

Não digo isto em voz alta porque aposto a minha nádega esquerda em como a resposta dela seria para a usar numa pila maior.

Quando continuo a chupar a palhinha, ela aproxima-se e arranca-me dos lábios. Cheguei ao fundo do copo há uns bons quinze segundos e só tenho sugado ar. Há um ano que a minha boca não tem tanta ação.

— Uau, espaço pessoal — murmuro, pousando o copo. Evito o olhar da Daya, procurando a empregada pelo restaurante para pedir outro martíni. Quanto mais depressa tiver a palhinha na boca outra vez, mais depressa consigo evitar esta conversa.

— Não desvies o assunto, vadia. És péssima nisso.

O nosso olhar cruza-se por um instante e desatamo-nos a rir.

— Também sou horrível na cama, pelos vistos — respondo, acalmdas as nossas gargalhadas.

A Daya lança-me um olhar divertido.

— Já tiveste muitas oportunidades. Só que não as aproveitas. És uma mulher de vinte e seis anos, uma brasa sardenta com um belo par de mamas e um rabo de morrer. Os homens estão lá fora à espera.

Encolho os ombros, desviando de novo o olhar. A Daya não está totalmente errada... pelo menos sobre as hipóteses. Eu só não estou interessada em nenhuma delas. Todas me aborrecem. Tudo o que recebo é *o que tens vestido? E queres vir cá a casa?* Estou com as mesmas calças de fato de treino que tenho usado na última semana, há uma mancha misteriosa nas minhas virilhas e não, não quero ir lá a casa.

Ela estende-me uma mão expetante.

— Dá-me o teu telemóvel.

— Nem penses — digo, de olhos arregalados.

— Adeline Reilly. Dá-me. A. Porra. Do. Teu. Telemóvel.

— Ou o quê? — provoco.

— Ou então atiro-me para cima da mesa, envergonho-te e consigo o que quero de qualquer maneira.

Finalmente vejo a empregada e faço-lhe sinal em desespero. Ela vem a correr, talvez a pensar que encontrei um cabelo na comida, quando na verdade a minha melhor amiga tem um enfiado no rabo neste momento.

Demoro-me um pouco, perguntando à empregada que bebida aconselha. Até olhava para a lista das bebidas segunda vez, se não fosse indelicado deixá-la à espera quando tem outras mesas para atender. Por fim, escolho um martíni de morango em detrimento da maçã verde, e a empregada apressa-se a ir embora.

Suspiro.

Deposito o telemóvel na mão estendida da Daya com uma firmeza extra, porque a odeio. Ela sorri triunfante e começa a escrever com um brilho malicioso no olhar. Os seus polegares entram em velocidade turbo, quase esbatendo o brilho dos anéis dourados que ela usa.

Os seus olhos cinza-esverdeados brilham com aquela maldade que só se encontra na Bíblia de Satanás. Se eu fizesse uma pequena pesquisa, de certeza que descobriria a fotografia dela algures por lá. Uma bomba de pele castanho-escura, cabelo preto liso e um aro de ouro no nariz.

Ela provavelmente é um súcubo maléfico ou algo do género.

— A quem estás a mandar mensagens? — gemo, perto de bater os pés como uma criança. Contenho-me, mas estou quase a libertar um pouco a ansiedade social e a fazer algo louco como uma birra no meio do restaurante. Provavelmente não ajuda o facto de eu estar no terceiro martíni e de me sentir um tanto aventureira neste momento.

Ela levanta os olhos, bloqueia-me o telemóvel e devolve-mo após alguns segundos. Desbloqueio-o e procuro as mensagens. Volto a gemer alto quando percebo que ela enviou uma ao Greyson. Nem é uma mensagem. É puro sexo.

— Vem cá esta noite e lambe-me a cona. Quero a tua pila grande — leio em voz alta, secamente. E não é tudo. O resto é sobre o quanto ando excitada e me masturbo todas as noites a pensar nele.

Resmungo e lanço-lhe o olhar mais porco que consigo. A minha cara faria um contentor do lixo parecer a casa do *Mr. Clean*.

— Eu nem sequer diria isso! — reclamo. — Nem parece meu, sua cabra.

A Daya ri-se, mostrando o pequeno espaço entre os dentes da frente. Odeio-a mesmo.

O meu telefone vibra. A Daya está quase a saltar da cadeira enquanto eu pesquisei no Google o contacto do *1000 Maneiras de Morrer* para lhes enviar uma nova história.

— Lê — exige ela, as suas mãos já prestes a alcançar o meu telemóvel para poder ver o que ele respondeu. Tiro-lho do seu alcance e abro a mensagem.

GREYSON: Já era altura de ganhares juízo, querida. Apareço às 8.

— Não sei se já te disse isto, mas odeio-te mesmo — resmungo, fazendo-lhe outra careta.

Ela sorri e sorve a sua bebida.

— Eu também te amo, querida.

— Caramba, Addie, tive saudades tuas. — Greyson respira no meu pescoço, empurrando-me contra a parede. Amanhã vou ter o cóccix magoado. Reviro os olhos quando ele volta a lambe-me o pescoço, e gemo quando roça o pénis no centro das minhas pernas.

Decidi que precisava de me recompor e descarregar alguma tensão, por isso não cancelei o encontro com o Greyson, como tinha pretendido. Como *pretendo*. Arrependo-me dessa decisão.

Neste momento, ele tem-me encostada à parede do meu intimidante corredor. Candeeiros antigos revestem as paredes vermelho-sangue com dezenas de fotografias de família de todas as gerações. Sinto que me observam com desprezo e desilusão nos olhos ao verem a sua descendente prestes a ser fodida.

Só algumas luzes funcionam, e apenas servem para iluminar as teias de aranha com que estão cobertas. O resto do corredor encontra-se às escuras, e cinjo-me a esperar que o demónio do *A Maldição* apareça a rastejar e assim ter uma desculpa para fugir.

Nessa altura, eu atropelaria o Greyson quando saísse, sem um pingo de vergonha.

Ele murmura mais algumas coisas sujas ao meu ouvido enquanto eu inspeciono o candeeiro pendurado por cima da nossa cabeça. Uma vez o Greyson disse que tinha medo de aranhas. Pergunto-me se consigo discretamente tirar uma da sua teia e pô-la na parte de trás da camisa dele.

Aposto que seria uma desculpa perfeita para ele sair daqui, e provavelmente ficaria demasiado envergonhado e não voltaria a falar comigo.

Ficava a ganhar duas vezes.

Quando estou prestes a fazê-lo, ele recua, ofegante de todos os beijos que me tem estado a dar, como se esperasse que a minha garganta o lambesse também.

O seu cabelo acobreado está despenteado pelas minhas mãos, e a sua pele pálida está avermelhada. A maldição de ser ruivo, suponho.

O Greyson tem tudo a seu favor no que toca à aparência. É lindo de morrer, tem um corpo bonito e um sorriso de arrasar. Pena não saber foder e ser um completo idiota.

— Vamos para o quarto. Preciso de entrar em ti agora.

Interiormente, encolho-me. Exteriormente... encolho-me. Tento disfarçar, tirando a camisa por cima da cabeça. Ele tem uma capacidade de concentração mínima. E, tal como suspeitava, já esqueceu o meu pequeno erro e olha intensamente para as minhas mamas.

A Daya também tem razão quanto a isso. As minhas mamas são fantásticas.

Ele levanta a mão para me arrancar o sutiã — provavelmente ter-lhe-ia batido se o rasgasse —, mas para quando um estrondo nos interrompe do andar principal.

O som é tão repentino, tão violento que ofego com o coração a bater-me aos saltos no peito. Os nossos olhares cruzam-se, atónitos. Alguém está a bater à porta e não me parece que seja amigável.

— Esperas alguém? — pergunta ele, deixando cair a mão, aparentemente frustrado com a interrupção.

— Não — respiro. Puxo a camisa para baixo, virada ao contrário, e desço os degraus a correr. Por um instante, olho pela janela ao lado

da porta e vejo que o alpendre está vazio. Franzo o sobrolho, deixando cair a cortina, e fico frente à porta. A quietude da noite vai-se estendendo pela mansão.

O Greyson permanece ao meu lado com uma expressão confusa.

— Vais abrir? — pergunta, desajeitado e apontando para a porta como se eu não soubesse que ela está à minha frente. Quase lhe agradeço as indicações só por ser um idiota, mas abstenho-me de o fazer. Há qualquer coisa nesta batida que me aguça o instinto a acionar o código vermelho. Foi agressiva. Zangada. Como se alguém tivesse esmurrado a porta com toda a força.

Um homem a sério ter-se-ia oferecido para me abrir a porta depois de um som tão violento. Sobretudo porque estamos rodeados por um quilómetro de bosque espesso e uma queda-d'água de trinta metros.

Em vez disso, o Greyson olha para mim, expectante, como se eu fosse estúpida. A bufar, destranco a porta e abro-a.

Mais uma vez, não está lá ninguém. Saio para o alpendre e o soalho apodrecido geme sob o meu peso. O vento frio remexe-me o cabelo cor de canela, os fios fazem-me cócegas no rosto, e sinto arrepios na pele que aumentam de intensidade quando prendo o cabelo atrás das orelhas e me encaminho para a extremidade do alpendre. Inclinação sobre o corrimão, olho para a parte lateral da casa. Ninguém.

Também não há ninguém no outro lado da casa.

Podia haver alguém a observar-me do bosque, mas não tenho forma de o saber por estar tão escuro. A menos que eu própria vá lá fora e procure.

E por mais que eu goste de filmes de terror, não quero, de todo, ser a protagonista de um deles.

O Greyson junta-se a mim no alpendre, perscrutando as árvores com os seus próprios olhos.

Está alguém a observar-me. Eu sinto-o. Tenho tanta certeza como da existência da gravidade.

Arrepios percorrem-me as costas, acompanhados de uma explosão de adrenalina. É a mesma sensação que experiencio quando vejo um filme de terror. Começa com o bater do coração, depois um peso no

fundo do estômago, afundando-se até ao âmago. Viro-me, nada confortável com a sensação.

Ofegante, apresso-me a entrar em casa e subo os degraus. O Greyson segue-me. Nem reparei que ele está a despir-se enquanto caminha pelo corredor até entrar no meu quarto atrás de mim. Quando me viro, ele está nu.

— A sério? — digo. Que grande idiota. Alguém acabou de bater à minha porta como se a madeira lhe tivesse espetado uma farpa no rabo, e ele já está pronto para continuar onde ficou. A lamber-me o pescoço como se fosse gelatina.

— O quê? — pergunta ele, incrédulo, abrindo os braços.

— Não ouviste o que eu ouvi? Alguém estava a bater-me à porta e foi um bocado assustador. Não estou com disposição para fazer sexo neste momento.

O que aconteceu ao cavalheirismo? Um homem normal perguntaria se estou bem. Tentaria ver como estou. Talvez até certificar-se de que me encontro relaxada antes de me enfiar a pila.

Ou seja, apalpar terreno.

— Falas a sério? — pergunta, com a raiva a brilhar-lhe nos olhos castanhos. São uma cor de bosta, tal como a sua personalidade e o seu jogo de sedução. O tipo nem foder sabe. Mais valia estar nu no mercado de peixe. Teria mais hipóteses de encontrar alguém que o comprasse. E esse alguém não seria eu.

— Sim — digo, exasperada.

— Raios te partam, Addie — diz ele com raiva, agarrando uma meia e calçando-a. Parece um idiota: todo nu, exceto por uma meia, porque o resto das suas coisas está espalhado ao acaso pelo corredor. Sai a correr do quarto, apanhando peças de roupa à medida que avança. Quando chega a meio do longo corredor, para, volta-se e diz-me:

— És mesmo uma cabra, Addie. Provocas-me e não me dás nada, e estou farto disso. E desta casa arrepiante — grita, apontando-me o dedo.

— E tu és um idiota. Sai da minha casa, Greyson. — Os seus olhos arregalam-se primeiro de choque e depois estreitam-se a transbordar de fúria. Ele vira-se, leva o braço atrás e dá um murro na parede de gesso.

Solto um arquejo quando metade do seu braço desaparece, abrindo a boca em choque e descrença.

— Já que não vou ter o teu buraco, pensei em criar um meu para entrar esta noite. Arranja isso, cabra — cospe. Só com uma meia e a roupa de braçado, ele sai.

— Cabrão! — enfureço-me, dirigindo-me ao grande buraco na parede que ele acabou de fazer.

A porta da frente bate um minuto depois.

Espero que a pessoa misteriosa ainda esteja lá fora. Que o idiota seja assassinado nu só com uma meia.

4 de abril de 1944

Há um homem estranho à janela.

Não sei quem é nem o que quer de mim. Mas acho que me conhece. Observa-me através das janelas quando o John não está em casa. Usa um chapéu alto na cabeça, ocultando o rosto. Tentei abordá-lo, mas assim que o faço, ele foge.

Ainda não contei ao John. Não sei por que razão, mas algo me impede de abrir a boca e admitir que um homem me observa. O John não lidaria bem com isso. Sairia com a cadeira e tentaria encontrá-lo.

Devo admitir que tenho mais medo do que aconteceria ao meu visitante se o meu marido o encontrasse.

Tenho muito medo deste homem estranho.

Mas também fico intrigada.

CAPÍTULO 2

A Sombra

Os gritos de dor que ecoam pelas paredes de cimento estão a tornar-se algo irritantes.

Às vezes é mau ser eu o *hacker* e o executor. Gosto de magoar as pessoas, mas, hoje, falta-me a paciência para este idiota choramingão.

Normalmente até tenho a paciência de um santo.

Sei esperar por aquilo que quero. Mas quando tento obter respostas reais e o tipo está demasiado ocupado a borrar as calças e a chorar para me dar uma resposta coerente, fico um pouco irritado.

— Esta faca está prestes a atravessar metade do teu olho — aviso-o.
— Nem sequer vou ter piedade de ti e vou enfiá-la até ao cérebro.

— Foda-se, meu — grita ele. — Eu disse-te que só tinha ido ao armazém algumas vezes. Não sei nada sobre nenhuma merda de ritual.

— Então, és um inútil, é o que me estás a dizer — deduzo, aproximando a lâmina do seu olho.

Ele fecha os olhos com força como se a pele, que não tem mais de um centímetro de espessura, impedisse a faca de atravessar o olho.

É para rir, porra.

— Não, não, não — implora. — Eu conheço alguém lá que talvez te possa dar mais informações.

O suor escorre-lhe pelo nariz misturado com o sangue do rosto. O seu cabelo louro oleoso e comprido está colado à testa e à nuca. Acho que já nem parece tão louro, porque a maior parte está pintada de vermelho.

Já lhe cortara uma das orelhas, além de lhe ter arrancado dez unhas, cortado os dois calcanhares de Aquiles, dado um par de facadas em sítios específicos que não deixam o cabrão sangrar muito depressa, e já nem conseguia contar os ossos que lhe partira.

O cabrão não se vai levantar e sair daqui a andar, isso é certo.

— Menos choro e mais conversa — grito, deslizando a ponta da faca pela sua pálpebra ainda fechada.

Ele afasta-se da faca, com as lágrimas a borbulharem sob as pestanas.

— O nome dele é Josh. É um dos líderes da operação e encarregado de enviar *mulas* para ajudar a capturar as raparigas. É importante no negócio do armazém, basicamente dirige tudo por lá.

— Josh quê? — grito. Ele soluça.

— Não sei — lamenta. — Ele apenas se apresentou como Josh.

— Então, qual é a aparência dele? — exclamo, impaciente, com os dentes cerrados.

Ele funga, o ranho a escorrer-lhe pelos lábios gretados.

— Careca, tem uma cicatriz que atravessa a linha do cabelo e da barba. É impossível não reparar na cicatriz, tem um aspeto feio.

Mexo o pescoço e gemo quando os músculos estalam. Foi um dia longo.

— Está bem, meu — digo, como se não o tivesse estado a torturar lentamente nas últimas três horas.

A sua respiração abranda, e olha para mim com uns olhos castanhos muito feios e a esperança a irradiar deles.

Quase me dá vontade de rir.

— Vais deixar-me ir? — pergunta, olhando para mim como um maldito cachorrinho abandonado.

— Claro — digo. — Se conseguires levantar-te e andar.

Ele olha para os calcanhares rasgados, sabendo tão bem como eu que, se se levantar, o seu corpo cai para a frente.

— Por favor, meu — balbucia. — Podes ajudar-me a sair daqui?

Aceno lentamente com a cabeça.

— Sim. Acho que posso fazer isso — respondo, antes de balançar o braço para trás e enfiar a totalidade da faca na sua pupila.

Ele morre instantaneamente. Nem sequer deu tempo de toda a esperança lhe desaparecer do olhar. Ou, pelo menos, do seu único olho.

— És um violador de crianças — digo bem alto, embora ele já não consiga ouvir-me. — Como se eu te deixasse viver — termino, com uma gargalhada.

Retiro a faca do olho, e o ruído de sucção ameaça arruinar-me os planos para um eventual jantar que tivesse planeado nas próximas horas. O que é irritante, porque tenho fome. Embora me divirta com uma boa sessão de tortura, não sou daqueles idiotas que se excitam com os sons que a acompanham.

O gorgolejar, o sorver e outros ruídos esquisitos que os corpos fazem quando suportam dores extremas e objetos estranhos a penetrá-los não são uma boa banda sonora para adormecer.

E agora, a pior parte: desmembrá-lo e eliminá-lo corretamente. Não confio que outras pessoas o façam por mim; portanto, estou preso a este trabalho aborrecido e sujo.

Suspiro. Como é aquele ditado? Se queres alguma coisa bem feita, tens de a fazer tu.

Bem, neste caso, se não querem ser apanhados e acusados de homicídio, livrem-se vocês do corpo.

Parecem ser dez da noite, mas são apenas cinco da tarde. Por mais lixado que seja lidar com as partes de corpos humanos, estou com vontade de comer um bom hambúrguer.

A minha hamburgueria favorita fica à saída da Terceira Avenida e não é longe da minha casa. Estacionar é terrível em Seattle, por isso sou obrigado a parar a alguns quarteirões e ir a pé até lá.

Está a rebentar uma tempestade e, em breve, cairão lençóis de chuva como picaretas — o clima típico em Seattle.

Deço a rua assobiando uma melodia desconhecida e passando por lojas e uma série de armazéns com pessoas a entrar e a sair como se fossem formigas operárias. À minha frente há uma livraria iluminada, o brilho quente irradia no pavimento frio e húmido, convidando os transeuntes para o seu calor. Quando me aproximo, reparo que está cheia de gente.

Olho para lá e continuo em frente. Não me interessam os livros de ficção. Só leio os que me ensinam alguma coisa. Sobretudo sobre informática e *hacking*.

Por esta altura, não há nada que esses livros me possam ensinar. Já sou mais do que mestre no assunto.

Quando viro a cabeça para ver o que me rodeia, o meu olhar prende-se num quadro à saída da livraria com uma cara sorridente.

Sem permissão, os meus pés abrandam até ficarem colados ao passeio de cimento. Alguém esbarra em mim por trás, e a sua estatura mais pequena mal me consegue empurrar, mas desperta-me do estranho transe em que caí.

Viro-me e vejo o homem furioso que está atrás de mim, prestes a mandar-me para algum sítio menos agradável, mas assim que vê as minhas cicatrizes, desaparece meio a correr meio a andar. Ter-me-ia rido se não estivesse tão distraído.

Deparo-me com a fotografia de uma autora que está a organizar uma sessão de autógrafos e ela é mesmo incrível.

Cabelo comprido, ondulado e cor de canela, penteado sobre ombros delicados. Pele cremosa, cor de marfim com sardas a pontilhar o nariz e as faces. Leves e esporádicas sem sobrecarregar o rosto inocente.

O que me atrai são os seus olhos. Olhos sensuais e rasgados, daqueles que parecem sempre sedutores sem grande esforço. São quase da cor do cabelo. Um castanho tão claro que chega a ser invulgar. Basta um olhar desta rapariga para qualquer homem lhe cair aos pés. Os seus lábios são carnudos e cor-de-rosa, exibindo um sorriso radiante de dentes brancos e retos. Reparo no nome por baixo da fotografia.

Adeline Reilly.

Um nome lindo, digno de uma deusa.

Ela não tem aquela beleza plástica que se vê nas revistas. Embora pudesse facilmente aparecer numa delas sem *photoshop* nem cirurgias. As suas feições são naturais.

Já vi muitas mulheres bonitas na vida. E fodi muitas, também.

Mas há algo nela que me cativa. Parece que sinto um furacão nas costas, empurrando-me para ela sem deixar qualquer resistência. Os meus pés conduzem-me à livraria, as minhas botas pretas encharcam o tapete da entrada.

O único cheiro que permanece no ar é o dos livros usados, embora distorcido pelo grande número de pessoas que congestionam o espaço. Esta pequena estrutura não foi construída para albergar mais do que as dez grandes estantes alinhadas no lado esquerdo da sala, o pequeno

balcão de atendimento do lado direito e, talvez, trinta pessoas. Hoje tem uma mesa grande no meio da sala, à qual a autora se senta, e, pelo menos, o dobro do limite de ocupação.

Está demasiado calor aqui, demasiado cheio.

E um idiota ao meu lado não para de pôr o dedo no nariz, segurando o livro com a mão suja. Vislumbro *Reilly* na capa.

Pobre rapariga. Forçada a assinar um livro cheio de macacos.

Abro a boca, pronto a dizer ao idiota que pare de procurar tesouros nas narinas, mas fecho-a quando as portas do céu se abrem.

Nesse segundo, as pessoas à nossa frente parecem dividir-se num ângulo perfeito, dando-me uma visão clara. A princípio, apenas a vejo pelo canto do olho, mas o pequeno vislumbre é suficiente para fazer disparar o meu coração.

A minha cabeça vira-se como uma daquelas personagens assustadoras de um filme de exorcismo — lentamente, mas em vez de um sorriso maléfico, tenho a certeza de que estou com ar de quem acabou de descobrir que a Terra é na realidade plana, ou algo do género.

Porque isso também é ridículo.

Oxigénio, palavras, pensamentos coerentes, tudo me escapa quando vejo Adeline Reilly pela primeira vez em carne e osso.

Merda.

Ela é ainda mais bela em pessoa. Só de a ver, os meus joelhos fraquejam e o meu pulso acelera.

Não sei se Deus existe de facto, ou se o homem já foi à Lua. Nem sei se existem universos paralelos. O que sei é que acabei de encontrar o sentido da vida sentada atrás de uma mesa com um estranho sorriso no rosto.

Respiro fundo, encontro um lugar junto à parede de trás. Não me quero aproximar demais, ainda.

Não.

Quero observá-la durante algum tempo.

Por isso, permaneço nas traseiras, a espreitar por entre dezenas de cabeças para a conseguir ver. Ainda bem que sou alto porque, caso contrário, passaria por toda a gente.

Uma mulher alta e atarracada entrega um microfone à minha nova obsessão e, por um breve momento, ela parece prestes a fugir. Olha

para o microfone como se a mulher lhe estivesse a entregar uma cabeça cortada.

Mas o olhar desaparece em segundos, mal se viu antes de ela voltar a pôr a máscara. E depois, agarra no microfone e leva-o aos lábios trémulos.

— Antes de começarmos...

Foda-se, a voz dela é puro fogo. Do género que só se ouve em vídeos porno. Mordo o lábio inferior, reprimindo um gemido. Encosto-me à parede e observo-a, encantado com a pequena criatura.

Sinto algo inexplicavelmente sombrio no peito. É negro, mau e cruel. Perigoso, até.

Tudo o que quero é desfazê-la em pedaços. E depois compor esses pedaços para se encaixarem nos meus. Não quero saber se não encaixam, vou fazê-los encaixar, porra.

E sei que estou prestes a fazer algo mau. Sei que vou ultrapassar limites aos quais nunca conseguirei voltar, mas nada me importa.

Porque estou obcecado.

Estou viciado.

E ultrapassarei de bom grado todos os limites se isso significar tornar esta rapariga minha. Se isso significar forçá-la a ser minha.

Na minha mente, a decisão já está tomada e consolidada. Nesse momento, os seus olhos errantes deslizam para os meus, colidindo de tal forma que quase caio de joelhos. Os seus olhos arredondam-se nos cantos, como se estivesse tão extasiada por mim como eu estou por ela.

E depois, a leitora diante dela desvia-lhe a atenção, e eu sei que tenho de me ir embora antes que faça algo estúpido como raptá-la em frente de pelo menos cinquenta testemunhas.

Não importa. Agora ela não vai escapar-me. Acabei de encontrar uma ratinha e só paro quando a tiver apanhado.

10 de abril de 1944

O meu visitante está aqui, no exterior da minha janela, observando-me enquanto escrevo. A minha mão treme, e eu não sei se é de medo ou não. Não conseguiria explicar este sentimento mesmo que tentasse. Já tentei descrever estas emoções. Explicá-las. Mas não há palavras suficientes.

Suponho que a melhor maneira de o descrever é excitante.

Não sei o que há de errado comigo. Mas algo está muito errado, nem é preciso dizer.

Quando os nossos olhos se cruzam, retenho a respiração. O meu sangue incendeiase. Parece que tenho um arame farpado na pele.

É uma reação visceral e temo que esteja a ficar viciada nela.

Ele agora aproxima-se mais. Estou constantemente a olhar para ele, distraída da escrita.

Agora estão a ficar normais. As minhas distrações. O John começou a notar. Bombardeia-me com perguntas, querendo saber o que me vai na mente.

Como digo ao homem que amo que estou a pensar noutro? Como lhe digo que comecei a imaginar outro homem quando o meu marido me beija? Quando me toca?

O meu visitante está de partida, desaparecendo na escuridão.

Tenho medo deste homem.

No entanto, ainda estou demasiado intrigada.